

A caminho do autêntico

LÚCIA HELENA SOARES DE MELLO
Professora de História da América Latina da
Universidade Gama Filho

Muito se tem falado acerca de um sério problema provocado pelo Colonialismo: a chamada “volta às raízes”, ou seja, a busca por parte das áreas que foram de tão grande interesse europeu de não apenas fazer florescer suas lendas e tradições, logo seu passado histórico, totalizador de um vasto universo mítico, como também tentar uma espécie de autognose que leve ao conhecimento das linhas dirigentes do seu próprio presente, da sua própria realidade.

A Descolonização deixou em todas as populações ditas primitivas e bárbaras um grande vazio; não se sabe como dispor as diversas peças de um tabuleiro de xadrez. Essa problemática começa a ser percebida gradativamente com maior profundidade, quando as antigas formas europeias de sentir o mundo, de se comportar perante o mesmo, de encará-lo, a maneira de se vestir, as leituras preferidas, enfim todo um universo cultural, todo o quadro comportamental construído e solidificado com o cimento europeu, começa a ser questionado. A antiga europeização caracterizada marcadamente pelo afrancesamento e, posteriormente, por certa britanização cultural, cederia lugar a uma busca constante do que é “nativo”, e natural da terra, ou seja a própria essência da chamada **americanidade**.

A América Latina, que juntamente com os Continentes Asiático e Africano viria a se enquadrar dentro do chamado 3º Mundo, foi, então, um dos palcos de riquíssima fusão de culturas. A presença e dominação Ibérica implicou necessariamente em uma séria imposição cultural, onde se estipula e se determina a adesão e incorporação de uma cultura que é a melhor, a mais avançada, a mais desenvolvida em oposição a uma outra que deve ser de imediato rechaçada por ser a mais atrasada, pagã e pobre. Essas categorias duais estariam presentes e atuantes em todas as fases de opção por certo modelo

cultural a ser adotado e, nitidamente, nos primeiros séculos de dominação onde o contraste da tecnologia ibérica com a indígena é flagrante.

Posteriormente, o chamado “século das luzes” começou a povoar esse mundo em formação, salpicando-o com suas concepções também tipicamente européias, misturando outros elementos da recente ex-colônia norte-americana. Se produz, então, um movimento independentista que perfaz um quadro ideológico, um arquétipo programativo de acordo não com a realidade em que se vive, mesmo porque não se conhece, e sim de acordo com as mensagens que são recebidas de fora – para renascer, a América Latina importa as diretrizes planificadoras que levariam até a Independência. A realidade do século XVIII como durante a Conquista achava-se portanto intimamente ligada à Europa, como ocorreria durante o século XIX. A fase independentista não seria suficiente para configurar uma rutura: os laços que ligavam a América a Europa se prolongariam no século XIX mostrando uma marcante transposição de traços culturais europeus, de idéias, até a adoção de estilos arquitetônicos. Na primeira metade do referido século a adoção nitidamente de origem francesa, com a gradativa intromissão do elemento inglês, são logo observados, de tal forma que não podemos ser rigorosos o bastante para afirmar que determinada influência começa e termina nesta ou naquela fase. Na realidade se trata simplesmente de novos elementos que são agragados aos demais.

Entretanto, a transposição do modelo francês trouxe uma importante corrente de pensamento que ganharia por sua vez um número considerável de adeptos. O Positivismo, filosofia que por longo tempo, especialmente no México durante o Porfiriato, marcaria a formação das elites culturais latino-americanas. Mas o Positivismo não chegou só ao Continente Americano, ele veio acompanhado de um outro pensamento igualmente importante para a região de tão problemática geografia tropical: as concepções evolucionistas fazem bastante sucesso nesta fase de formação das Ciências Sociais, emprestando sua sinistra Metodologia. Pois bem, esse binômio Positivismo x Evolucionismo seria a diretriz que daria forma e contorno ao pensamento latino-americano. Gostaríamos apenas de chamar a atenção para o fato de que o Positivismo, ao ser adotado até como base programática de um sistema de ensino, encontra na América uma realidade já predisposta a sua penetração, logo não é de se estranhar a sua adequação e ajuste imediatos.

Quanto à corrente evolucionista, a sua visão biológica da vida social – manifesta em especial na sociologia de Spencer, através de sua ótica fisiologizante – seria incapaz de apreender o social; o evolucionismo, além de justificar a seu modo o Colonialismo, explicaria claramente os desajustes e desníveis sociais, influenciando em diversas interpretações caracterizadas pelo estigma racial e cultural com o qual taxavam “esses povos tão atrasados”. Na realidade as referidas interpretações iriam ajudar na configuração de uma Antropologia em formação, encontrando vários adeptos no Continente Latino-Americano, onde a título de exemplificação poderíamos citar o boliviano Alcides, o argentino Carlos Otavio Bunge e o peruano Francisco Garcia Calderón para cuja formação em muito contribuíram as noções antropológicas de Gustave Le Bon com a sua *Lois Psychologiques de évolution des Peuples* (1894)

De uma forma ou de outra, o que a educação representa no século XIX, será ricamente elaborado e preenchido pelo que o Positivismo considera como real e verdadeiro conhecimento e como o mesmo deve ser adquirido.

Já a 2ª metade do século XIX corresponderia a uma crescente presença britânica, de tal forma que podemos falar de uma crescente britanização da vida cultural latino-americana. As preferências deveriam agora ser divididas, porém enquanto o processo de afrancesamento é aplicado à literatura, às artes plásticas e aos hábitos cotidianos, aplica-se a vida política, especialmente a matérias legislativas, administrativas e financeiras o modelo inglês, grande dirigente da Política Econômica.

As influências caminhariam de tal forma marcantes que, ao se deparar com a chegada do século XX, a América Latina possui, além de sua própria conformação cultural, influências adjacentes que agem fortemente sobre a mesma. E essa atuação foi mais forte na medida em que durante todo esse processo de subestimação cultural, aquilo que compunha a produção original passa a ser desconhecido e qualificado como pernicioso, maléfico e demoníaco, verdadeira obra de “raças inferiores”, cuja incapacidade natural só poderia levar a produção de sua cultura tão selvagem, incompreensível e por esta razão desprovida de sentido.

Esse processo de nítida estigmatização cultural levaria os latino-americanos (e nesse caso o processo foi extensivo a todos os povos integrantes do chamado 3º Mundo) a assumir seu próprio patrimônio cultural como realmente inferior e sem significação. Esse momento nos parece então ser de extrema gravidade, pois representa a clara demonstração da incorporação da ótica europeia atingindo o grau máximo de alcance, ao atuar sobre o inconsciente coletivo do grupo, conduzindo-o à recusa do seu próprio passado e, conseqüentemente, à perda da sua noção de **ethos** e da sua memória psico-social.

O movimento mais comumente conhecido por “volta às raízes” não significa, por outro lado, nenhuma apologia do passado; é simplesmente uma preocupação com formas de expressão realizadas com seus próprios elementos e cores, bem como sua devida valorização, caminhando em direção ao conhecimento das potencialidades e necessidades desse Continente Indo-Euro-Afro-Latino-Americano. As raízes, as quais se propõe retomar funcionam na realidade como peças fundamentais na sua compreensão. E é através dessa tomada de consciência, desse conhecimento interno e profundo que se objetiva seu entendimento globalizante. Da mesma forma que escutamos com Milton Nascimento “Coração Americano acordei de um sonho estranho”, parece-nos que esse **acordar** se concretiza através de um consciente despertar que cada vez mais se aproxima da realidade.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Arguedas, Alcides — **História General de Bolivia, el proceso de la nacionalidad, 1809 — 1921**, Ed. Puerta del Sol, La Paz, 1967
- 2) Carmagnanani, Marcello — **América Latina de 1880 a nuestros dias**, Ed. Oikos-sup, Barcelona, 1975

- 3) DUSSEL, Enrique D. — **América Latina-Dependencia y Liberación**. Ed. Fernando Garcia Cambeiro, Argentina, 1973
- 4) Le Bon, Gustave — **Lois Psychologiques de l'évolution des peuples**, Ed. F. Alcan, 9ª ed. Paris, 1909
- 5) Ribeiro, Darcy — **Teoria do Brasil** — Ed. Paz e Terra — Rio de Janeiro, 1972
- 6) Romano, Ruggiro — **Mecanismos da Conquista Colonial** — Ed. Perspectiva — SP, 1973
- 7) STABB, Martin — **América Latina en Busca de una Identidad**, Ed. Monte Avila — Venezuela — 1969